


**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**PLANEJAR PRA QUÊ?
UMA PROPOSTA DE PLANEJAMENTO
NA ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU SÃO JOSÉ**

NILCIONE MACIEL LACERDA

**CAJAZEIRAS - PB
1995**



NILCIONE MACIEL LACERDA

PLANEJAR PRA QUÊ?
UMA PROPOSTA DE PLANEJAMENTO
NA ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU SÃO JOSÉ

Trabalho apresentado para a conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Formação de Professores - Campus V - UFPB, Cajazeiras - PB.

ORIENTADORA: Idelsuíte de Sousa Lima

“ Que Deus nos dê forças para mudar as coisas que podem ser mudadas; serenidade para aceitar as coisas que podem mudar; e sabedoria para perceber a diferença. Mas Deus nos dê, sobretudo, coragem para não desistir daquilo que pensamos estar certo... ”

Chester W. Nimitz.

AGRADECIMENTOS

- Às professoras Idelsuíte de Sousa Lima e Marilene D. Vigolvinio;
" a semente foi plantada e caiu em terra fértil, com certeza muitos frutos são colhidos e vocês, como boas semeadoras receberam a dádiva do dever cumprido. Queremos agradecê-las por todos os conhecimentos, que nos foram transmitidos e dizê-las que jamais esqueceremos do importante papel que desempenharam em nossas vidas".

- À Escola Municipal de 1º Grau São José;
" Vencemos a difícil escalada, mas não foi a sois. Nossa vitória cabe também a vocês.
A vocês, nosso muito obrigado por ter-nos dado o conhecimento prático necessário que, associado ao teórico, nos permitiu a honra da realização deste nobre e sublime momento, nossa formatura."

- À Deus;
" ... que incomparável e inconfundível em sua infinita bondade compreendeu os nosso anseios e nos deu a necessária coragem para atingirmos os nossos objetivos, oferecemos a nossa conquista e pedimos força para sempre agirmos com eficiência em nosso trabalho e acerto em nossas decisões. "

SUMÁRIO

I - Introdução	06
II- Marco Teórico	07
III- Desenvolvimento	11
IV- Metodologia	15
V- Conclusão	16
VI- Referências Bibliográficas	17
VII- Anexos	18

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata de uma proposta de planejamento escolar, realizada com as professoras da Escola Municipal de 1º Grau São José na cidade de Cajazeiras Pb.

Esta proposta surgiu de uma pergunta comum feita no decorrer do curso de Pedagogia, principalmente pelos os alunos que não exerceram o magistério:

“ Planejar pra quê? ”

Tentando respondê-la buscamos o apoio das professoras da escola supra citada, que a princípio se mostraram um tanto fechadas, apesar de bastante acolhedoras. Só depois de alguns contados é que se sentiram mais a vontade para falar das suas necessidades e anseios.

A referida proposta se caracteriza como um processo de discussão acerca do planejamento escolar e, como tal, estará aberto à questionamentos, não podendo, portanto, ser apresentada como uma proposta pronta. Trata-se apenas de algumas reflexões acerca dessa temática tão necessária no dia-a-dia da escola.

Nestes contados que tivemos com as professoras procuramos captar através das suas falas e atitudes o cotidiano do seu fazer pedagógico, o que passaremos a tecer alguns comentários na tentativa de refletir suas questões que perpassa a escola.

MARCO TEÓRICO

"Qualquer atividade sistemática, para ter sucesso, necessita ser planejada. O planejamento é uma espécie de garantia dos resultados."

(SCHMIT, E. F. Op. cit. p. 94-5)

Se qualquer atividade exige planejamento, a educação não foge dessa exigência; especialmente a educação escolar que é uma organização sistemática do processo de aprendizagem.

Segundo VIANA (1986): "o planejamento é também um processo educativo, onde através de uma organização pode-se verificar os déficits da aprendizagem e a partir desta verificação tentar buscar alternativas na realidade objetiva da escola."

Com efeito, para que haja a efetivação desse planejamento tornando-o proveitoso, é indispensável a participação ativa dos professores, o que é respaldado nas palavras de ABREU E MASSETO (1980):

"É imprescindível, porém, que o professor se dedique ao planejamento: inicialmente penosa, é essa atividade que vai, porém, dar ao professor informações sobre a eficácia de seu trabalho e permitir que seja aperfeiçoada e renovada, além de permitir que se comunique com objetividade com seus alunos e com a comunidade escolar". (p. 22)

Dessa forma, o planejamento tem como função primordial assegurar a organização do trabalho docente, possibilitando ao professor desempenhar um ensino de qualidade evitando a improvisação.

Segundo GANDIN (1991), "o planejamento tem a difícil função de organizar a ação sem ferir a liberdade e a riqueza dos participantes do grupo".

Seguindo este pensamento a ação de planejar implica na participação ativa de todos os elementos envolvidos no processo de ensino, o que pode ser confirmado nas palavras de FERREIRA (1992):

“ Todos que estão implicados na ação devem participar do planejamento, cada um com seus conhecimentos específicos... para evitar as separações entre uns tantos que planejam e os outros tantos que executam é preciso que pelo menos todos entendam bem um pouco de planejamento” .(p.26)

Tomando por base estes aspectos conclui-se que, o planejamento é fundamental para a tomada de decisões do professor, frente as inúmeras situações surgidas ao longo do processo educativo.

Alguns teóricos definem os diferentes níveis de planejamento, especificando em que consiste cada um deles, bem como a íntima relação que eles mantem entre si.

Na área educacional temos três tipos de planejamento: planejamento educacional, curricular e de ensino.

Planejamento Educacional

TURRA (1992) o define como: *“um processo de abordagem racional e científica dos problemas da educação incluindo definições de prioridades e levando em conta a relação entre os diversos níveis do contexto educacional” .(p. 15)*

Planejamento Curricular

PILETTI (1991) diz que: *“ consiste na formulação de objetivos educacionais a partir dos objetivos expressos nos guias oficiais e tendo em vista a realidade da escola” . (p.62)*

Complementando esta definição LIBÂNEO (1992) acrescenta que: *“ Os professores precisam ter em mãos esse plano abrangente, não só para orientação do seu trabalho, mas para garantir a unidade*

teórico-metodológica das atividades escolares ... pode ser elaborado por um ou mais membros do corpo docente e em seguida discutido. O documento final deve ser um produto do trabalho coletivo, expressando os posicionamentos e a prática dos professores". (p.230)

Planejamento de Ensino

TURRA (1992) o conceitua como: "*uma especificação do planejamento curricular, isto é, indica a atividade direcional metódica e sistemática que será empreendida pelo professor junto a seus alunos, em busca de propósitos definidos". (p.18)*

Segundo MARTINS (1991), "*a elaboração do projeto de ensino envolve: objetivos, conteúdos, procedimentos de ensino, recursos didáticos, avaliação e referências bibliográficas".*

O plano de ensino é desdobrável em três tipos: plano de curso, plano de unidade e plano de aula.

MARTINS (1991) assim os define:

" O plano de curso envolve a previsão de todas as atividades que serão desenvolvidas durante um determinado período de tempo (bimestre, semestre ou ano); o plano de unidade é a especificação maior das unidades que compõe o plano de curso e o plano de aula é a concretização dos dois níveis anteriores no dia-a-dia da sala de aula".(p.66)

Nesta perspectiva a preparação de aula é uma tarefa indispensável e servirá não só para orientar as ações do professor, como também para possibilitar constantes revisões e aprimoramentos, como enfatiza ABREU E MASSETO (1980):

" O plano de aula é a forma do professor mostrar as orientações que dá ao seu trabalho (...) e também uma maneira de evitar que alguns conhecimentos essenciais deixem de ser trabalhados juntos aos alunos".

Outra modalidade de planejamento que merece destaque é o PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO. Embora siga os passos de um planejamento comum, o que o difere é a preocupação em formar o educando através da ação conjunta de todos os elementos - escola, família, comunidade - envolvidos no processo escolar.

Esta concepção é definida por VIANA (1986), ao fazer as seguintes colocações:

“O planejamento Participativo abre horizontes, permite a participação e co-responsabilidade nas decisões, é um instrumento de trabalho capaz de conduzir à descoberta e auto gestão”. (p.14)

“ Genericamente, o Planejamento Participativo constitui-se numa estratégia de trabalho, que se caracteriza pela integração de todos os setores da atividade humana e social, num processo global, para a solução de problemas comuns”. (p.23)

“ Afirmamos ser, Planejamento Participativo um desafio para verdadeiros educadores, exigindo daqueles que pretendem realizá-lo muita disponibilidade, coragem, garra e espírito de luta.”

Diante dessas colocações podemos dizer que, para se trabalhar com o Planejamento Participativo é necessário contar com a participação do maior número possível dos elementos envolvidos no processo educativo, tendo em vista que ele se constitui num processo político e numa deliberada e amplamente discutida construção do futuro da comunidade escolar.

Tomando por base os argumentos apresentados ao longo do texto, o planejamento constitui-se numa atividade educativa fundamental que orienta a tomada de decisão dos professores e por consequência da escola, contribuindo para a construção de cada ação realizada, superando sua concepção mecânica e burocrática no contexto do trabalho docente.

Assim justificamos o nosso trabalho.

DESENVOLVIMENTO

PLANEJAR PRA QUÊ? UMA PROPOSTA DE PLANEJAMENTO NA ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU SÃO JOSÉ

“Planejar não é fazer alguma coisa antes de agir. Planejar é agir de um determinado modo para um determinado fim”.

GANDIN (1991)

Na tentativa de realizar na escola um processo de discussão sobre o planejamento próximo do que nos instiga GANDIN, agindo de um determinado modo para um determinado fim, nos decidimos por estudar essa temática.

Defendemos pois, que a escola necessita de planejamento para concretizar os seus objetivos propostos e conseqüentemente atender as exigências feitas pela sociedade. Conforme ressalta TURRA (1992):

“A escola atual visa ao preparo de pessoas de mentalidade flexível e adaptável para enfrentar as rápidas transformações do mundo. Cabe a ela oferecer aos alunos situações que lhes permitam desenvolver suas potencialidades de acordo com a fase evolutiva em que se situam ...” (p. 17)

Entretando, durante nossa permanência no campo de estágio percebemos a existência de algumas variantes que dificultam a concretização desses objetivos; uma delas é o despreparo profissional.

Essa nossa afirmação encontra ressonância nas palavras de algumas professoras:

"Eu corro de sala de aula como o cão corre da cruz. Não gosto, não tenho paciência." (prof. n° 01)

"Eu passo a manhã todinha no ba-be-bi-bo-bu e no outro dia eles não se lembram nem do ba." (prof. n. 02)

À luz dessas colocações, é possível que alguns professores não são qualificados ou não estão preparados para atuarem em sala de aula. Segundo afirmação da supervisora, os professores são enviados à escola aleatoriamente, cabendo a esta se virar e enquadrá-los adequadamente nas respectivas séries.

Daí ocorrer de professores assumirem sala de aula sem terem formação adequada para tal, como é o caso das professoras supra citadas.

Diante desses argumentos, percebemos uma outra variante: a improvisação. Tomando por base as falas da professoras é notável que, se elas não gostam do que fazem, provavelmente não têm em vista objetivos que visem o desenvolvimento da turma, ocorrendo assim a falta de interesse em planejar suas ações diárias. Essa falta de objetividade é enfatizada por FERREIRA (1992) ao fazer a seguinte afirmação:

"Me decido a não improvisar quando tenho um objetivo em vista e estou interessado em alcançá-lo. Se não quero chegar a nada, se quero somente passar o tempo, viver o momento presente, deixar-me surpreender pelo o que for ocorrendo vou improvisando todas as minhas ações ao sabor do vento". (p. 16)

Embora os professores da escola, campo de estágio, tenham demonstrado interesse em discutir conosco a questão do planejamento, percebemos que eles têm uma visão negativa desse processo da forma com ele é efetivado pela escola, através da suas falas.

" Considero como perda de tempo a tarde destinada ao planejamento." (prof. n° 03)

" Existe pouca troca de experiência durante o planejamento." (prof. n° 04)

"Este planejamento quinzenal é para mostrar o plano. Não é para discutir conteúdo, nem material que possa nos ajudar nas atividades de sala de aula." (prof. n° 05)

Esses comentários revelam que o planejamento trabalhado nestes aspectos só dificultam o trabalho docente e a aprendizagem dos alunos. Isso pode ser constatado nas palavras de VIANA (1986) ao declarar que:

"O planejamento escolar está quase sempre desvinculado da realidade pessoal e social da escola, sem nenhum tipo de sondagem de aptidões ou necessidades."

No entanto, não podemos considerar esta visão como uma situação irreversível. Pois, entendemos que um planejamento voltado para uma ação pedagógica crítica e transformadora possibilitará ao professor maior segurança para lidar com a relação educativa que ocorre na sala de aula e na escola como um todo.

Apesar do curto tempo no campo de ação, mais precisamente na Escola M. de 1° Grau São José, percebemos a satisfação das professoras em realizar um planejamento a partir de suas dificuldades e necessidades. Apresentaremos comentários feitos por algumas professoras no final de um dos planejamentos quinzenais:

"Foi muito proveitoso o nosso encontro, era dessas orientações e troca de sugestões que precisávamos." (prof. n° 06)

"Nos sentimos até mais importantes com a atenção que recebemos." (prof. n° 07)

"Nos sentimos à vontade tanto para falar das nossas dificuldades, como para passar para as outras professoras conhecimentos adquiridos." (prof. n° 08)

Tomando por base esses comentários, a nossa proposta de ação se destinou a proporcionar às professoras, discussões acerca da aplicação e aquisição dos conteúdos trabalhados em sala,

pois assim estaríamos tornado o planejamento significativo. Como diz GANDIN (1991):

“ Se o planejamento não leva a clareza em relação ao agir, é preferível evitar de falar em planejamento: para não enganar-se.” (p. 36)

Durante nossa permanência no campo de estágio procuramos levar em consideração o trabalho já realizado pelas professoras, o material didático disponível e principalmente a experiência de vida dos alunos conforme salienta ABREU E MASETTO (1980)

“O aluno também é uma fonte de influências, pois sendo membro da sociedade trás consigo valores e expectativas que a representa. É o aluno o elemento mais concreto com que o professor se defronta, e do qual sofre influências.”

Em face da temática exposta, podemos concluir que, o planejamento é um instrumento fundamental no trabalho do educador, pois é ele que irá orientá-lo na tomada de decisão à melhoria do processo ensino aprendizagem.

METODOLOGIA

O referido trabalho consiste num estudo exploratório acerca do planeamento na Escola M. de 1º Grau São José na tentativa de discutir com as professoras uma proposta alternativa que contribuísse para a compreensão do processo pedagógico da escola.

Iniciamos com um estudo bibliográfico referente ao planeamento escolar, onde realizamos leituras e fichamentos que nos subsidiaram na elaboração do texto base na nossa proposta. (anexo)

Destacamos aqui, a importância das orientações recebidas para a sistematização das idéias.

Complementando esse estudo, realizamos seminários onde cada grupo apresentou o seu tema.

Concluída esta etapa, passamos então para o campo de estágio o qual contou com dois momentos. O primeiro momento, procedeu-se com a observação participante que nos possibilitou captar a problemática abordada.

O segundo momento, contou da implantação da proposta a qual foi iniciada pelos estudos com as professoras acerca do planeamento e seguida da efetivação prática do planeamento propriamente dito.

Por último, relatamos nossa experiência num documento final que o denominamos de "monografia".

CONCLUSÃO

Constatamos através dos estudos realizados e das nossas experiências no campo de estágio que a ação de planejar implica em conhecimentos e reflexão sobre a realidade em que se pretende atuar.

Sob esta concepção afirmamos que a convivência com as professoras primárias da Escola M. de 1º Grau São José nos permitiu retirar, da prática, algumas lições que com certeza nos serviram de recurso na nossa atuação como Supervisoras Educacionais.

Nesta convivência, apesar de ter sido outra, verificamos que as professoras sentem e percebem que o processo de planejamento desencadeada pela Secretaria da Educação não responde à prática que elas têm de implementar no cotidiano da sala de aula.

Embora percebemos esses desacertos, as professoras se sentem amarradas, sem muitas possibilidades de alterar o processo que são obrigadas a desenvolver. É a organização do trabalho em que elas se encontram que determinam a prática possível.

Não nos cabe aqui, apresentar soluções para os problemas, mas despertar nos professores e supervisores a importância do ato de planejar, o qual não se resume na feitura de planos e assim numa discussão permanente do fazer diário de cada educador na tentativa de juntos encontrar saídas.

Nesta perspectiva, consideramos importante não só estudar uma temática, como vivenciá-la, tendo em vista que ela nos oportunizou fazer uma reflexão crítica da questão abordada, dando-nos condições como supervisoras de contribuir com os professores em busca de uma outra forma de trabalhar o planejamento escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU e MASETTO. O Professor Universitário em aula. São Paulo: Cortez, 1980.
- DUARTE, Emeide Nóbrega et alii. Manual Técnico para Realização de Trabalhos Monográficos. 2ª ed. João Pessoa: Ed. universitária (UFPB), 1994.
- FERREIRA, Francisco Whitakes. Planejamento sim e não. 12ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- GANDIN, Danilo. Planejamento como Prática Educativa. 6ª edição. São Paulo: Loyola, 1991.
- _____. A Prática do Planejamento Participativo. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1992.
- MARTINS, P. Lúcia Oliveira. Didática Teórica / Didática Prática. São Paulo: Loyola, 1991.
- PILETTI, Claudino. Didática Geral. São Paulo: Ática, 1993.
- TURRA, Clódia Maria Godoy e outros. Planejamento de Ensino e Avaliação. 11ª edição, Porto Alegre: Sagra, 1992.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO: *Pedagogia*

DISCIPLINA: *Estágio Supervisionado em Supervisão Escolar*

PERÍODO: 95.1

TEMA: *O Estágio Supervisionado do Pedagogo*
Supervisor : propostas de ação.

ORIENTADOR DO ESTÁGIO:
Prof^a Idelzuite de Sousa Lima

Cajazeiras / 1995

I - Apresentação, justificativa e Objetivos

De modo geral é no momento de estágio curricular que se dá a passagem de estudante para o profissional. É nesse momento que ele descobre na sua formação: suas mazelas, suas inconsistências técnica-metodológicas, seus pontos críticos. Enfim, a "caixa preta" da sua formação.

Essa situação, já antiga, impõe aos professores de estágio curricular tarefas desafiantes, no sentido de tentar reconstruir em, no máximo dois períodos letivos, toda trajetória acadêmica dos alunos e conceber essa atividade como um período de preparação e iniciação profissional.

Nesse sentido, pensamos que o Estágio Curricular em Supervisão Escolar que ora orientamos deverá contribuir para a formação do pedagogo supervisor, no sentido de proporcionar uma maior compreensão teórico-metodológica dos fenômenos educativos; bem como aproximá-lo dos problemas intra-escolares na perspectiva de vislumbrar saídas a partir do embasamento e da prática coletiva no âmbito das escolas, considerando que será ele, enquanto profissional da educação, um dos elementos agilizadores de processos escolares que possam significar um novo tipo de educação que atenda os interesses e anseios da sociedade brasileira.

A nossa proposta de trabalho para o Estágio Supervisionado em Supervisão Escolar permitirá que os alunos tentem os fundamentos teóricos adquiridos ao longo do curso de pedagogia às tentativas operacionais de suas Propostas de Ação, veiculando o saber sistematizado das escolas, campo de trabalho, fortalecendo dessa forma, a produção de conhecimento e a sua formação enquanto educador consciente e comprometido com a realidade brasileira.

II - CONTEÚDOS:
TEMÁTICAS OPERACIONAIS:

- * Planejar para quê? Uma proposta de planejamento na escola x.
- * O livro-texto como recurso didático: potencialidades e limitações.
- * Alfabetização: confronto de teorias x aprendizagem em escolas públicas, privadas e alternativas.
- * Conto de fadas ou realidade? Um estudo de História do Brasil na 5ª série.
- * Ciclos de pais e mestres em escolas rurais: para além da tentativa de aproximação.
- * Livro didático: seu papel no processo ensino-aprendizagem.

III - METODOLOGIA:

A proposta do curso para o Estágio Supervisionado será desenvolvida basicamente em duas etapas: uma teórica e outra prática.

A primeira constará de uma revisão bibliográfica para aprofundamento teórico e organização da abordagem de campo, que caracterizará a segunda etapa da proposta.

Faz parte desta proposta, organizar eventos internos (seminários, encontros, mesa redonda, etc.), onde as estagiárias relatarão suas experiências, ao tempo em que sistematizarão seus conhecimentos no confronto com a problemática da ação supervisora. Dessa forma, os alunos terão oportunidades de transmitir suas experiências profissionais e ou acadêmicas.

IV - AVALIAÇÃO

A avaliação compreenderá:

1. O processo de produção intelectual da aluna (as condições em que este se deu, a finalidade do instrumental teórico, a bibliografia, etc.).
2. A própria produção (aprofundamento teórico, a escrita, a redação, a qualidade, etc.).
3. Desempenho e o nível de qualidade na realização dos eventos internos.
4. A defesa do trabalho perante a banca examinadora. (se for o caso).

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

ATIVIDADE	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO
Revisão bibliográfica e organização dos seminários	X	X				
Seminários			X			
Ingresso no campo de Estágio			X	X	X	
Atendimento personalizado para discussão da proposta vivenciada.					X	
Produção e apresentação das monografias		X	X	X	X	X

V - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ABREU e MASSETO. O professor universitário em sala de aula
São Paulo, Cortez.

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado: notas
sobre aparelhos ideológicos de Estado. Tradução de
Wagner J. Evangelista e Maria L. V. Castro. 2ª ed. Rio de
Janeiro, 1985.

ARROYO, M. G. Pátria Amada, ignorada. Em aberto. Brasília,
7: (37) jan / mar. 1988.

AZENHA, M. G. Construtivismo de Piaget a Emília Ferreiro.
São Paulo, Princípios, 1983.

BARROS, Aidil J. P. e LEHFELD, N. A. S. Projeto de pesquisa:
propostas metodológicas. Petrópolis, Vozes, 1991.

BUARQUE, L. L. e REGO, L. L. B. Alfabetização e construtivis-
mo: teoria e prática. Recife, Ed. Universitária, 1994.

CARDOSO, B. e TEBEROSKY, A. Reflexões sobre o ensino da
leitura e da escrita. 5ª Ed. Petrópolis, Vozes, 1993.

CARVALHO, M. C. M. (org.) Construindo o saber. 4ª Ed. Cam-
pinas, Papyrus, 1994.

CHARLOT, B. A Mistificação Pedagógica: realidades sociais e
processos ideológicos na teoria da educação. 2ª ed. Rio
de Janeiro. Zahar, 1983.

DEIRÓ, M. L. C. As belas mentiras. 11ª ed. São Paulo, Moraes,
1978.

FARIA, A. L. G. Ideologia no livro didático. São Paulo, Cortez,
1986.

FEIL, I. T. S. Alfabetização - um desafio novo para um novo
tempo. Petrópolis, Vozes, 1987.

- FERREIRO, E. Reflexões sobre Alfabetização. 22ª ed. São Paulo, Cortez, 1993.
- FREITAG, B. et. alii O livro didático em questão. São Paulo, Cortez, 1993.
- MOLINA, O. Quem engana quem? O professor x livro didático. 2ª ed. Campinas, Papirus, 1988.
- ROSA, S. S. Construtivismo e Mudança. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 1994.
- SCARES, G. M. R. Estudo comparativo de método de ensino da leitura e da escrita. 3ª ed. Papelaria América e Editora, 1983.
- TURRA, et alii. Planejamento de ensino e avaliação. São Paulo Sagra.
- VIGOLVINO, M. D. Mulher professora leiga: vida e trabalho. Dissertação de Mestrado. PUC - Rio de Janeiro, 1989.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

PLANEJAR PRA QUÊ ?

**UMA PROPOSTA DE PLANEJAMENTO NA ESCOLA
MUNICIPAL DE 1º GRAU SÃO JOSÉ**

ELABORAÇÃO

Nilcione Maciel Lacerda

ORIENTAÇÃO

Idelzuíte de Sousa Lima

Cajazeiras, maio de 1995.

SUMÁRIO

<i>* OBJETIVOS</i>	<i>01</i>
<i>* MARCO TEÓRICO</i>	<i>02</i>
<i>* METODOLOGIA</i>	<i>08</i>
<i>* CRONOGRAMA</i>	<i>09</i>
<i>* REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	<i>10</i>

OBJETIVOS

- * Acompanhar a sistemática de planejamento de cinco escolas de Rede Estadual e Municipal de Ensino, nas cidades de Cajazeiras, Icó, Sousa e Pombal, verificando como se desenvolve este processo educativo.

- * Discutir uma proposta de planejamento a partir das necessidades da escola.

- * Realizar estudos com os professores e participar da feitura do planejamento escolar.

MARCO TEÓRICO

A educação, por ser um fenômeno social e universal, deve auxiliar e preparar os indivíduos para a sua participação ativa e transformadora na vida em sociedade.

Nesse contexto a prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também permite aos indivíduos adquirir conhecimentos e experiências culturais que os tornem aptos a atuar na sociedade, transformando-a em função de necessidades econômicas, sociais e políticas.

Seguindo este raciocínio, percebemos que a referida prática é responsável em promover a apropriação dos conhecimentos e experiências acumuladas historicamente pela humanidade, e que a Pedagogia* através da Didática organiza e viabiliza o trabalho da escola, orientando o processo de aquisição e assimilação do saber.

Assim, a escola tem um papel significativo e primordial na sociedade, tanto pelo seu objetivo que é transmitir conhecimentos e contribuir com a formação do educando para exercer a sua cidadania, como pela função social que desempenha.

Parafraseando VIANA (1986), a escola deveria utilizar o processo ensino-aprendizagem, como um instrumento que prepara o homem para reivindicar seu acesso à cultura e a história de seu tempo. Nesse sentido, não poderá restringir-se à pura transmissão dos conhecimentos, mas deverá ser um processo político, crítico e preocupado em transmitir conhecimentos integrados e inferidos a partir da realidade do educando.

Na sociedade brasileira, a escola pública, particularmente a de 1º grau, sente os dissabores da falta de uma política voltada para a qualidade do ensino, tanto no que concerne ao material didático e pedagógico, quanto na capacitação e remuneração dos professores.

Com efeito, os docentes, de modo geral tem sido destratados como profissionais, de modo que os direitos mínimos de cidadania lhes têm sido negados obrigando-os a lutar pela sobrevivência, trabalhando em vários turnos e em muitas escolas; limitando o seu desempenho profissional e por consequência a sua qualificação. Este pensamento é melhor explicitado por VIANA (1986,p.49) ao afirmar que:

(...) por se tratar de uma atividade pouco valorizada e mal remunerada, o professor precisa multiplicar suas horas de trabalho e seus postos de serviços, sem ter condições de aperfeiçoar seus conhecimentos, preparar as suas aulas, aprender novas técnicas de trabalho. Por isso, acomoda-se em apenas transmitir as noções autorizadas, sem criticar, sem questionar a validade e a importância do que transmite."

Toda essa gama de empecilhos contribui para que o professor, pouco consciente do seu poder de organização, caia no comodismo e acabe por até reforçar esta situação, à medida que aligeira suas atividades em detrimento da qualidade.

Apesar de todas essas dificuldades, a escola dentro de suas limitações pode iniciar o processo de discussão acerca de seu fazer diário do trabalho realizado por cada professor; numa tentativa de vislumbrar saídas para as questões internas que permeiam a prática educativa da escola.

Dessa forma, a escola acontece a partir de um trabalho coletivo entre os educadores com vista a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Uma das formas que a escola utiliza para realizar esse trabalho coletivo é o planejamento, por ser este, um espaço onde os professores podem discutir as propostas e forma de trabalho. É por ocasião do planejamento onde se pode discutir o processo de assimilação/aquisição do saber, as dificuldades dos alunos, das turmas e suas próprias dificuldades.

Nos apoiamos em VIANA (1986) para afirmar que, o planejamento, é também um processo educativo, onde através de uma organização, pode-se verificar os déficits da aprendizagem e a partir desta verificação, tentar buscar alternativas na realidade objetiva da escola.

Os teóricos da educação, dentre eles TURRA (1992), PILETTI(1993), MARTINS (1991), tem posições diversas acerca do planejamento, mas são unânimes quanto a dois aspectos: todos consideram o planejamento como sendo uma previsão metódica de ação a ser desencadeada, e, a racionalização dos meios para atingir os fins.

Tomando por base esses aspectos conclui-se que, qualquer atividade da vida humana passa a exigir que o homem reflita e planeje suas ações no sentido de contribuir para a realização dos objetivos desejados evitando a improvisação.

Dessa forma, o planejamento é utilizado em todas as instâncias da sociedade, sendo imprescindível na área econômica, política e cultural com vistas a otimização das ações para uma maior eficácia e eficiência nas atividades desenvolvidas.

Sendo planejamento uma exigência vital em toda instituição, na escola não poderia ser diferente, por se tratar de uma atividade eminentemente indispensável na sistematização do processo educativo.

Para efetivação de um planejamento sistematizado e proveitoso necessário se faz que haja interação dos professores no sentido de tornar possível a construção de um projeto maior de escola.

Assim, o planejamento enquanto processo político, exige de seus integrantes um posicionamento pessoal e social diante da situação-problema a ser estudada e resolvida.

A função primordial do planejamento é assegurar a racionalidade e organização do trabalho docente, possibilitando ao professor desempenhar um ensino de qualidade, evitando a improvisação, como já foi frisado anteriormente. Na concepção de GANDIN(1991) “ *O planejamento tem a difícil função de organizar a ação sem ferir a liberdade e a riqueza dos participantes do grupo.*”

Seguindo esta concepção, a ação de planejar implica na participação ativa de todos os elementos envolvidos no processo de ensino. No que diz respeito a sua influência, o planejamento é a mola-mestra, pois o mesmo serve de apoio para o professor tomar as devidas decisões frente a melhoria do ensino-aprendizagem.

No âmbito escolar muitos são os tipos de planejamento:

O PLANEJAMENTO EDUCACIONAL - consiste na abordagem dos problemas da educação, visando a tomada de decisão da conjuntura geral do país. Expressa orientações gerais que sintetizam as ligações da escola com o sistema escolar mais amplo.

Esta concepção de planejamento educacional é melhor abordada por TURRA(1992 , p. 15), quando diz que : “ (...) é um processo de abordagem racional e científica dos problemas da educação incluindo definições de prioridades e levando em conta a relação entre os diversos níveis do contexto educacional . ”

O PLANEJAMENTO CURRICULAR OU DA ESCOLA - trata-se da previsão global e sistemática de toda ação a ser desencadeada pela escola, em consonância com os objetivos educacionais. Deve refletir os melhores meios de cultivar o desenvolvimento da ação escolar, envolvendo todos os elementos participantes do processo.

No que diz respeito a essa modalidade de planejamento LIBÂNEO (1992 p. 230) o define como:

“ Um guia de orientação para o planejamento do processo de ensino. Os professores precisam ter em mãos esse plano abrangente, não só para orientação do seu trabalho, mas para garantir a unidade teórico-metodológica das atividades escolares ... pode ser elaborado por um ou mais membros do corpo docente e em seguida, discutido. O documento final deve ser um produto do trabalho coletivo, expressando os posicionamentos e a prática dos professores. ”

O PLANEJAMENTO DE ENSINO - indica a atividade direcional, metódica e sistematizada que será empreendida pelo professor junto a seus alunos em busca de propósitos definidos. Em outras palavras, o planejamento de ensino é a especificação do planejamento curricular e consiste na previsão das situações do professor com a classe.

A elaboração do projeto de ensino envolve: objetivos, conteúdos, procedimentos de ensino, recursos didáticos, avaliação e referência bibliográfica.

Constata-se pois, que é desdobrável em três tipos distintos pela abrangência, mas intimamente relacionados entre si. Segundo MARTINS (1991) eles são assim definidos:

* *Plano de curso* - envolve a previsão de todas as atividades que serão desenvolvidas durante um determinado tempo (bimestre, semestre ou ano);

* *Plano de unidade* - é uma especificação maior das unidades que compõem o plano de curso e como o próprio nome sugere, ele trata de unidades do curso ou disciplina que se ministra.

* *Plano de aula* - é a concretização dos níveis anteriores no cotidiano da sala de aula, é a sistematização de todas as atividades que se desenvolve na interação professor-aluno, numa dinâmica de ensino aprendizagem diária.

Nesta perspectiva, a preparação de aula é uma tarefa indispensável e servirá não só para orientar as ações do professor, como também para possibilitar constantes revisões e aprimoramentos.

Outra modalidade de planejamento que se deslumbra é o **PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO**. Embora siga os passos ou a sequência de um planejamento comum, o que o difere é a preocupação em formar o aluno através da ação conjunta de todos os elementos envolvidos no processo - escola, família, comunidade -, educando para a responsabilidade, a crítica, a mudança, e todos os aspectos que caracterizam a ação do homem no mundo moderno, de novas e revolucionárias exigências.

Essa concepção é definida por VIANA (1986) na sua obra: “ *O Planejamento Participativo na Escola*”, cuja fundamentação é respaldada no processo de educação permanente de Pierrri Furter, a visão conscientizadora, criativa e libertadora de Paulo Freire e a proposta de planejamento participativo de Seno A. Cornely.

A referida autora afirma que: “ *Planejamento Participativo abre horizontes, permite a participação e co-responsabilidade nas decisões, é um instrumento de trabalho capaz de conduzir à descoberta e à autogestão*”.

Assim, as idéias que sustentam o processo de planejamento são as mesmas que orientam uma dinâmica de ação-reflexão a caminho de uma prática repensada cotidianamente.

Em vista do argumentos apresentados, o planejamento escolar constitui-se numa atividade educativa fundamental que orienta a tomada de decisões dos professores e por conseqüência da escola, contribuindo na construção de cada ação realizada.

METODOLOGIA

Essa proposta de trabalho tem a pretensão de levar a efeito uma discussão a cerca de planejamento escolar com os professores da Escola Municipal de 1º Grau São José, considerando que a referida questão é de vital importância para o processo educativo.

Optamos por uma metodologia que possa nos oferecer oportunidade de adentrar ao problema e sugerir alternativas de mudanças.

Assim, nosso trabalho se realizará através de observação participante onde será captada a problemática em questão e nos oportunizará intervenções na perspectiva de contribuir no desenvolvimento de atividades pedagógicas da escola.

“ A priori ”, será feito um estudo bibliográfico acerca do planejamento escolar, para nos subsidiar do ponto de vista teórico-metodológico.

O trabalho de campo propriamente dito, será realizado em duas etapas. O primeiro momento será a fase de observação onde se constará as dificuldades e necessidades na elaboração e execução do planejamento escolar.

No segundo momento, chamado de implantação da proposta, constará de estudo sistematizados com os professores, de efetivação de planos de aula quinzenais, e/ou semanais na tentativa de contribuir com a ação docente no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Consta ainda da nossa proposta de trabalho, uma discussão acerca do fazer diário do professor e da sistematização das suas atividades, bem como um aprofundamento teórico-metodológico acerca do planejamento.

A experiência vivenciada ou os resultados do trabalho será objeto de um relatório final, onde detalhar-se-á os passos da proposta.

CRONOGRAMA

ATIVIDADES	MESES													
	ABRIL			MAIO			JUNHO			JULHO			AGOS- TO.	
	1	2	3-4	1	2	3-4	1	2	3-4	1	2	3-4	1-2	
1. Revisão Bibliográfica	X	X	X											
2. Visitas às escolas para apresentação da e conhecimento do nosso campo de trabalho	X	X												
3. Observação de planejamento escolar.	X	X												
4. Estudo teórico para aprofundamento da te- mática a ser trabalhada.	X	X	X	X	X	X								
5. Implantação da proposta de trabalho.							X	X	X	X	X	X		
6. Sistematização do relatório final.				X	X	X	X	X	X	X	X	X		
7. Apresentação do relatório final.										X	X	X	X	X

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU e MASETTO. O Professor Universitário em aula. São Paulo: Cortez, 1980.

FERREIRA, Francisco Whitakes. Planejamento sim e não. 12ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GANDIN, Danilo. Planejamento como Prática Educativa. 6ª edição. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. A Prática do Planejamento Participativo. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, P. Lúcia Oliveira. Didática Teórica / Didática Prática. São Paulo: Loyola, 1991.

PILETTI, Claudino. Didática Geral. São Paulo: Ática, 1993.

TURRA, Clódia Maria Godoy e outros. Planejamento de Ensino e Avaliação. 11ª edição, Porto Alegre: Sagra, 1992.

VIANA, Ilca O. A. Planejamento Participativo na Escola. São Paulo: EPU, 1986.

ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO

1. Com relação à Escola:

- 1.1. Localização
- 1.2. Funcionamento

2. Com relação aos professores :

- 2.1. Formação
- 2.2. Sistemática de trabalho
- 2.3. Posicionamento frente ao planejamento
- 2.4. Relação ao planejamento x dia-a-dia

3. Com relação ao planejamento :

- 3.1. Sistemática
- 3.2. Como é realizado
- 3.3. Quem orienta
- 3.4. Quais as atividades

4. Com relação às orientações para o trabalho docente :

- 4.1. Metodologia sugerida
- 4.2. Técnicas utilizadas
- 4.3. Materiais utilizados.

Trechos extraídos de um trabalho feito pelas alunas da disciplina: Planejamento Educacional, no período 94.1 e rediscutidos num seminário interno sobre Planejamento.

Críticas à ineficácia dos planos

"(...) Em nossas escolas existem tantos planos arquivados nos armários ou gavetas, sem nem mesmo os educadores refletirem qual a finalidade dos mesmos."

"Enfim, quando não fazemos os planejamentos outros já fazem em nosso lugar e nos levam no pacote."

"(...) O planejar só é feito por exigências burocráticas, deixando de lado o seu próprio."

"(...) Não gostamos de planejar até por uma questão de acomodação e não nos conscientizamos da importância do planejamento."

" Os planos se tornam ineficazes por falta de crédito dos próprios planejadores."